

VISÃO DO CORREIO

Segurança exige a ordem democrática

O medo da violência é uma experiência cotidiana de milhões de brasileiros. Condiciona trajetos, impõe horários, fecha negócios e restringe a liberdade de quem deveria estar protegido pelo Estado. Por isso, a segurança pública exige respostas concretas. Mas a urgência não transforma respostas simples em soluções eficazes. Reduzir a maioria penal, por exemplo, pode render dividendos eleitorais. Porém, desarticular o crime organizado é um problema muito mais complexo.

O Brasil registrou 40.775 mortes violentas intencionais em 2025, mais de 110 por dia. No mesmo período, intervenções policiais deixaram 6.602 mortos, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Aproximadamente uma em cada seis mortes violentas decorreu da atuação policial. Enquanto o total de mortes caiu, a letalidade das polícias aumentou. Esse contraste não deve ficar de fora do debate sobre a segurança.

Os números expõem os limites de uma concepção que confunde intensidade da repressão com capacidade de assegurar a ordem. Um país no qual a polícia mata tanto e as facções continuam exercendo poder precisa discutir a qualidade da ação estatal. Acrescentar adolescentes ao sistema penitenciário não resolve a fragmentação das instituições nem desmonta as estruturas financeiras do crime.

Desde a Constituição de 1988, o xis da questão é coordenar nacionalmente a segurança sem atropelar a autonomia dos estados. A experiência da ditadura tornou indispensável aos constituintes limitar o arbítrio. O problema foi não construir mecanismos eficazes de cooperação. Não são as garantias democráticas que produzem criminalidade. Essa decorre de escolhas políticas, disputas federativas e descontinuidade administrativa.

Enquanto governos disputam competências, as organizações criminosas atravessam fronteiras, articulam mercados e diversificam negócios. PCC e CV precisam ser

enfrentados como estruturas de poder econômico e territorial. Prender executores é necessário, mas insuficiente quando permanecem intactos o financiamento, a lavagem de dinheiro, o acesso às armas e a proteção proporcionada pela corrupção.

A redução da maioria penal desloca essa discussão para um terreno emocionalmente poderoso. Crimes brutais praticados por adolescentes provocam indignação legítima. Entretanto, isso não promove uma política capaz de reduzir a violência. É preciso perguntar: quais resultados se pretende alcançar, como serão medidos e se existem condições para obtê-los? A gravidade de um crime não dispensa a avaliação das consequências da resposta a ser escolhida.

Responsabilizar adolescentes exige um sistema socioeducativo capaz de interromper trajetórias criminosas, combinar disciplina, escolarização e formação profissional. Também exige impedir o recrutamento de novas gerações pelas facções. Sem enfrentar esses mecanismos, mudar a idade de ingresso na prisão pode apenas antecipar o contato com organizações que o poder público deveria desarticular.

A letalidade policial é outra questão delicada. O uso legítimo da força deve estar submetido à necessidade, à proporcionalidade e à fiscalização. Cada morte requer apuração, inclusive para distinguir a atuação legal do abuso. Policiais precisam de treinamento, equipamentos, inteligência e proteção. Resultados avaliados pelo número de mortos desloca a missão das corporações: proteger vidas, prender criminosos e produzir provas.

O confronto entre Lula e Flávio Bolsonaro nessa questão deveria nos apresentar critérios, oferecer uma oportunidade de integração entre os entes federados e estabelecer as responsabilidades, o financiamento e a continuidade. O endurecimento penal não nos dá essas respostas. Governo e oposição têm obrigação de apresentar metas verificáveis para suas propostas.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» **E-mail:** sredat.df@dabr.com.br. O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Negócio da China

Antigamente, dizia-se que um negócio muito vantajoso era “um negócio da China”. Atualmente, tornou-se o oposto. Com o Brasil abrindo as fronteiras aos chineses, que adquirem grandes áreas rurais, diversos empreendimentos na indústria, comércio e infraestrutura, capitaneados pela invasão de carros elétricos, ficamos cada dia mais reféns desse povo esperto. Com enormes benesses do nosso governo, recentemente aboliu-se também a famigerada “taxa das blusinhas”. Depois de tantos mimos, estarão os chineses mais amigos e cordiais com os brasileiros? De forma alguma. Basta ver a mudança recente da política comercial da Ali Express. Uma avalanche de produtos falsificados, com todos os tipos de fraudes imagináveis, em espécie, quantidade, material etc. Ao reclamar, enviam respostas robóticas, com exigências absurdas, que eles nunca aceitam. Dá para confiar?

» **Humberto Pellizzaro**
Asa Norte

Festas com ucranianas

Portais de notícias revelam denúncias sobre um suposto esquema de tráfico de mulheres ucranianas para festas sexuais privadas no Brasil. Segundo informações divulgadas, conversas extraídas do celular de Daniel Vorcaro mencionariam figuras influentes da grande mídia e festas com mulheres ucranianas. As supostas relações de Vorcaro com setores empresariais, políticos, midiáticos e judiciais levantam questionamentos graves. O caso evoca o escândalo de Jeffrey Epstein, cuja rede de contatos expôs as conexões entre poder, privilégios e

exploração sexual. O mais revoltante é a suspeita de que a influência possa servir de escudo para proteger poderosos. Se confirmadas, as denúncias revelarão uma realidade abjeta, na qual dinheiro e prestígio podem alimentar a exploração humana. É preciso investigar tudo, doa a quem doer. Nenhum cargo, fortuna ou sobrenome pode estar acima da lei. Quando o poder protege os próprios interesses, a Justiça perde credibilidade, e a democracia paga o preço.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

Viva Renato Russo

No último domingo, completou-se um ciclo de 30 anos sem Renato Manfredini Júnior, nome de batismo de um dos maiores poetas e compositores brasileiros, imortalizado como Renato Russo, líder de conhecidas bandas candanga e carioca, a exemplo da universitária Aborto Elétrico e da nacionalmente consagrada Legião Urbana, respectivamente. Ao compor, era comum a Russo se inspirar na Sagrada Escritura, tendo cantado/tocado (baixo) ao lado de ilustres músicos das duas capitais, como Dado Villa-Lobos (tenho autógrafo e foto), Marcelo Bonfá, Flávio Lemos (coleciono palheta) e Alex Seabra (irmão de Phelipe, vocal e fundador da Plebe Ru-de). Detalhe, tal qual o fiz, o colega Seabra também homenageou a capital federal com canção autoral homônima. Enfim, justíssima a homenagem prestada pelo **Correio** ao astro e ídolo na redação da reportagem *Quando Renato Russo andava entre nós*, que estampou a capa do caderno *Diversão&Arte*.

» **Netokobra**
Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Se continuar essa política de atender o povo só na época das eleições, melhor seria reduzir a duração dos mandatos para a população esperar menos tempo.

Marcos G. Figueira — Sudoeste

O fim da jornada 6X1 é uma lambuzada em que o político sorri e perde agora. O empregador, o patrão e todos nós vamos chorar e perder depois.

José Eustáquio dos Reis — Asa Sul

A promulgação do fim da escala 6X1 foi praticamente sem a presença da oposição. Então, é gente que vota por conveniência, a todo tempo muda de lado!

Paula Mendes — Asa Norte

O que não falta é candidato dizendo que tem a saúde pública como prioridade. Com o formato do SUS, se isso não fosse só da boca pra fora, o Brasil seria o país das maravilhas: com saúde e políticos de caráter!

Mauro Santos — Asa Sul

» correio braziliense.com.br

ARTIGO

No artigo *A proteção contra a meningite não pode depender da sorte*, Rosana Richtmann, infectologista do Laboratório Exame, no Distrito Federal, e consultora em vacinas da Dasa, alerta que há uma lacuna na estratégia de saúde pública de combate à doença que nem sempre é conhecida pelo público em geral. Confira no site do **Correio**

BLOCO DE NOTAS

O jornalista Carlos Alexandre de Souza comenta as movimentações dos presidenciaíveis ao longo da semana que marca a metade do segundo turno. A extinção da escala 6X1, o perdão a empresários endividados, a guerra de decisões na Justiça Eleitoral e a mobilização de artistas estão entre os temas em alta.



Aponte a câmera e confira os vídeos na íntegra

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correio web.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br